

A alteridade vivida na fé[♦]

Gn 18, 1-16

Ir Carmem Lussi, mscs*

Introdução

Em um breve volume sobre as migrações à luz da Palavra de Deus, publicado pelo CSEM há mais de 10 anos, João Abelardo Mata Guevara, um bispo de Nicarágua, se pronunciava sobre como a Palavra de Deus fala com atualidade sobre as migrações e os temas que nos interessam e provocam por causa da espiritualidade scalabriniana que nos anima. Ele dizia que:

*não se trata de **ilustrar** situações de hoje mediante um confronto com situações do passado; nem de **iluminar** situações do presente mediante textos bíblicos relativos a situações semelhantes. Trata-se, mais precisamente, de colocar as situações que nos interessam **no contexto da única história salvífica e nas constantes do seu atuar-se.**¹*

Então nos aproximamos da Palavra de Deus com nossos interrogativos e até com nossas resistências, buscando sim, pedagogicamente, aprender com ela, com os fatos ali narrados, com a sabedoria ali contida. Mas nossa escuta da Palavra é muito mais: é entrar na mesma história de salvação, de vida e de amor – na fé, que a Escritura conhece e que Deus quer realizar e está realizando conosco e com seu povo. Dentro da história, o projeto de Deus se constrói de forma diferenciada, conforme a cultura de cada povo, a situação de cada grupo humano, a realidade concreta de cada pessoa. Deus constrói, também em nosso contexto, seu projeto, pois “sua ação misteriosa e eficaz do Espírito “sopra onde quer”. Cada povo, cada grupo humano, cada pessoa tem seus caminhos de vida. Nestes, Deus age construindo seu projeto, não sem contar com a adesão de mentes e corações que com Ele realizam seu projeto.²

O tema da alteridade foi capturado pelo movimento que defendeu e manifestou o orgulho *gay* por muitos anos. Seu *slogan* “diverso é bonito”, utilizado para afirmar a identidade sexual e o direito de existência civil, monopolizou o uso do termo e do tema da alteridade como diferença respeito à tradição heterossexual. Todavia, é tempo de superar o estereótipo e tentar aprofundar o tema, pela sua indiscutível pertinência com a realidade das migrações, da convivência onde a acolhida e a integração se apresentam como valores primordiais e das comunicações que colocam em relação pessoas e entidades, mesmo as mais distantes, com facilidade e rapidez.

O tema da alteridade justificou guerras étnicas e violência, como na ex-Jugoslávia ou nos estádios de futebol. Muitos estudiosos assumiram o tema da alteridade como desafio para o pensamento e para a sociedade contemporânea. Os cristãos trazem esse desafio desde os primeiros séculos, com Paulo e os primeiros evangelizadores: não existe mais escravo ou livre, judeu ou grego, até mesmo

[♦] Reflexão apresentada na jornada de retiro dos professores e professoras da Rede ESI do Rio Grande do Sul, realizado em Bento Gonçalves/RS dia 30 de junho de 2007.

* Missionária Scalabriniana. Missióloga. Diretora do Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM, das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, de Brasília/DF - www.csem.org.br.

¹ MATA GUEVARA, João Abelardo. “Leitura e reflexão do fenômeno migratório” in MILESI, Rosita (Org.). *Migrações à luz da Palavra*. Brasília: CSEM, 1995, p. 21.

² Cf. MASSERDOTTI, Franco. “Prefácio à edição brasileira”. In: LUSSI, Carmem. *A missão da igreja no contexto da mobilidade humana*. Brasília: CSEM e Petrópolis: Vozes, 2006, p. 8.

não é mais relevante ser homem ou mulher (Gal 3, 28). Para nós, nem parece tanto inovador assim este apelo do apóstolo, mas para a realidade histórico-cultural e religiosa na qual foram pronunciadas estas palavras, somente a graça de Deus poderia operar o milagre da acolhida deste anúncio.

Um grande pensador do século XX, Michel De Certeau, que tratou o tema da alteridade como fio condutor de muitos temas de história e de filosofia, de espiritualidade e de políticas públicas, apontou para uma abordagem do tema que supera o medo ínsito na lógica pela qual, tudo o que é diferente, ameaça. Não se trata de pensar a alteridade como novidade, a combater ou a acolher. A alteridade compõe os tecidos sociais, as relações, os saberes, normalmente, dividindo-os. Divide e reinará. Divide e exclui. Divide e escolhe. Divide e proteja-se... De Certeau indicou como verdadeira alteridade o demônio, a ameaça ao reinado de Deus. Outras vezes, a alteridade está dentro da história de cada um e cada uma: aquela parte ainda não aceita, aquelas realidades não integradas, aquelas relações não perdoadas, não sanadas, não desenvolvidas. É nesta alteridade que vamos nos concentrar com a reflexão sobre a passagem bíblica de Gn 18.

1. A situação de Abraão quando se encontra acampado junto ao Carvalho de Mambré: Gn 18

O texto bíblico nos fala muito de Abraão. Todas lembram alguns eventos de sua história...

O capítulo precedente a este narra que ele tinha cem anos e sua esposa Sara (rainha) noventa anos de idade. Haviam recebido o chamado, a missão, a promessa e até a aliança, mas tudo parecia um projeto impreciso, um sonho talvez. A promessa por excelência era a paternidade, mas quando finalmente recorre a uma solução paliativa, tendo um filho com a serva de sua esposa como se usava em sua cultura, Deus o avisa que esse não era o caminho correto.

Uma das modalidades para compreender a narração de Gn 18 é a observação prévia da real situação de Abraão. Confiou no chamado e se colocou a caminho, obedecendo aos fatos e às Palavras que o Senhor lhe havia dado. Empenhou toda sua Casa nesta história única de se entregar nas mãos de Deus, que lhe havia prometido terra, riqueza, filhos... e proteção. Havia feito muitos tentativos, mas permanecia sem paternidade.

Esta frustração trazia consigo muitas outras:

- Tenta soluções contando sobre sua sabedoria e forças, mas a cada derrota acumula decepção, como no caso do filho tido com a escrava de Sara;
- Compromete o que tem, sua relação com Sara e a paz em família, esperando obter uma resposta que imagina em tempos e modalidades diferentes das que o Senhor Deus vai realizar em sua vida;
- Gera um primogênito seguindo sua lógica, a quem não poderá garantir nem mesmo o que sua lógica e cultura prometem;
- Usa a mentira para se proteger da fome e dos perigos no Egito, e arrisca a sua vida e aquela de sua esposa;
- Enriquece, quem sabe demasiadamente, e por isto acaba vivendo situação de conflito por causa dos bens. A briga o leva a se separar do companheiro de caminhada que Deus lhe havia dado desde o início do caminho, o sobrinho Ló;
- Constrói um altar, reconhece e quem sabe até adora ao Deus que o chamou, mas não conhece ainda seu rosto, sua identidade;
- Confia em Deus, obedece à aliança e faz a circuncisão, sem entendê-la. A alteridade entra na relação e na vida da pessoa que, por fé e por amor, se abre e se deixa interrogar e até renovar através dela.

Abraão, como os outros patriarcas – Isaac e Jacó, leva “uma vida errante, sem nunca parar, sem pátria e sem segurança. (...) Em muitos lugares as tribos eram vistas como suspeitas, excluídas, perigosas e hostis. Refletindo esse estilo de vida, muitos séculos depois, Jó se queixa: ‘O Senhor afastou de mim meus irmãos, e meus conhecidos se apartaram de mim. Meus parentes me desampararam, os hóspedes de minha casa se esqueceram de mim. Minhas servas me têm por estranho; a seus olhos sou como de outra tribo’ (Jó 19, 13-15)”.³

Mas sua principal alteridade, o ser estrangeiro em terra estranha, é lição constante de vida e se transforma em canal privilegiado para a interação que transformará sua vida.

2. A hospitalidade em Israel

O termo hebraico *gêr* significa ser estranho, o que podia significar também ser inimigo e agredir. O termo *gêr*, na verdade se refere ao estrangeiro que vive dentro do contexto de Israel, enquanto que existe um outro termo, menos usado, *nekar*, que se refere ao estrangeiro de passagem, a quem é reservada uma hospitalidade especial. Na bíblia não encontramos o termo migrante, é usado o termo estrangeiro ou estranho. Ser estrangeiro significava ser visto como ameaça e viver ameaçado. Somente na fé e na confiança em YHWH Israel pôde superar, devagarzinho, esta sensação para si, e acreditar que era possível, à luz de sua fé, um comportamento diferente com quem, com o tempo, se apresentou em seu caminho como diverso ou estranho.⁴ Assim como a experiência da migração, todo o caminho de Abraão e dos demais patriarcas e matriarcas de Israel foram registrados na Bíblia, que “guardou as lembranças [desta época] como uma memória da presença de Deus na história e na vida do povo semi-nomade. Neste tempo, que ultrapassa os acontecimentos históricos, o Altíssimo construiu uma aliança com os mais fracos”,⁵ que se renova na história de salvação de quantos acolhem sua Palavra ontem e hoje.

A abertura particular que Israel amadureceu com o tempo em relação à realidade desta específica alteridade em seu meio – a dos estrangeiros – se deve ao fato de que Israel mesmo, em sua história, fez uma profunda experiência de se sentir e viver efetivamente como ‘outro’, estranho junto a povos e grupos humanos por onde passou em seu caminho de itinerância por onde JHWH o conduziu. Até a fé que Abraão estava aprendendo a viver quando ainda estava acampado junto ao Carvalho de Mambré, tornou-se para Israel uma alteridade em nome da eleição divina que o tornou diferente diante de todos os povos. Segundo André Wénin, a eleição, a experiência do amor de Deus na história de Israel o levou [pode levar-nos] “a viver a própria singularidade sem invejar a do outro, nem impor ao outro seu desejo ou sua própria maneira de ser”.⁶

3. Abraão e os três hóspedes

O modelo de toda hospitalidade bíblica é Abraão, e a narração de Gn 18 é seu ícone principal. Abertura e atenção total ao “estranho” que pode chegar, sem avisar ou até mesmo sem ser desejado, como mais adiante o livro de Gênesis narra a dramaticidade da hospitalidade de Ló.

Abraão estava, na verdade, a caminho. Havia abandonado, seguindo o chamado de Deus, sua terra de origem, a Mesopotâmia, e percorria a terra da Canaã que Deus havia prometido a ele e a seus descendentes, que ainda não existiam.

³ Cf. KONINGS, Johan. “Estrangeiros e migrantes. Estranhos? O “estrangeiro” na Bíblia”, in MILESI, Rosita & SHIMANO, Maria Luiza. *Migrantes Cidadãos*. Brasília: IMDH São Paulo: Loyola, 2001, p. 52.

⁴ Idem.

⁵ ANDRADE, Wiliam César de. “Formação do povo de Deus – povo em itinerância”, in *Migrações na Bíblia. A itinerância ontem e hoje!* Brasília: CSEM, 2001. Cadernos de Estudos 2, p. 24.

⁶ WENIN, André. “Leyes y prácticas relativas a los migrantes en el Primer Testamento”, in *SPIRITUS*, 42/2, n. 163, 2001, p. 74.

A narração bíblica, exemplar em sua vivacidade e precisão, é a representação mais completa do rito antigo da hospitalidade. É melhor escutar a leitura completa do texto: Gn 18, 1-16.

Naqueles dias, (1) o Senhor apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré, quando ele estava sentado à entrada da sua tenda, no maior calor do dia. (2) Levantando os olhos, Abraão viu três homens de pé, perto dele. Assim que os viu, correu ao seu encontro e prostrou-se por terra. (3) E disse: “Meu Senhor, se ganhei tua amizade, peço-te que não prossigas viagem, sem parar junto a mim, teu servo. 4Mandarei trazer um pouco de água para vos lavar os pés, e descansareis debaixo da árvore. (5) Farei servir um pouco de pão para refazerdes vossas forças, antes de continuar a viagem. Pois foi para isso mesmo que vos aproximastes do vosso servo”. Eles responderam: “Faze como disseste”. (6) Abraão entrou logo na tenda, onde estava Sara e lhe disse: “Toma depressa três medidas da mais fina farinha, amassa alguns pães e assa-os”. (7) Depois, Abraão correu até o rebanho, pegou um bezerro dos mais tenros e melhores, e deu-o a um criado, para que o preparasse sem demora. (8) A seguir, foi buscar coalhada, leite e o bezerro assado, e pôs tudo diante deles. Abraão, porém, permaneceu de pé, junto deles, debaixo da árvore, enquanto comiam. (9) E eles lhe perguntaram: “Onde está Sara, tua mulher?” “Está na tenda”, respondeu ele. (10) E um deles disse: “Voltarei, sem falta, no ano que vem, por este tempo, e Sara, tua mulher, já terá um filho”. Ouvindo isto, Sara pôs-se a rir, da entrada da tenda, que estava atrás dele. (11) Abraão e Sara já eram velhos, muito avançados em idade, e para ela já havia cessado o período regular das mulheres. (12) Por isso, Sara se pôs a rir em seu íntimo, dizendo: “Acabada como estou, terei ainda tal prazer, sendo meu marido já velho?” (13) E o Senhor disse a Abraão: “Por que riu Sara, dizendo consigo mesma: ‘Acaso ainda terei um filho, sendo tão velha?’ (14) Existe alguma coisa impossível para o Senhor? No ano que vem, voltarei por este tempo, e Sara já terá um filho”. (15) Sara protestou, dizendo: “Eu não ri”, pois estava com medo. Mas ele insistiu: “Sim, tu riste”. (16) Tendo-se levantado os homens partiram de lá e chegaram a Sodoma. Abraão caminhava com eles, para os encaminhar.

Abraão era um semi-nomade, que vivia debaixo da tenda; ao mesmo tempo era um rico pastor, que se movimentava no deserto, parando às suas margens, onde encontrava verde e fontes de água. Ele era um perfeito observador do código não escrito da hospitalidade e observava com rigor as cinco leis da tenda: **manter a porta aberta, lavar os pés do hóspede, dar hospedagem, oferecer alimento, dar ajuda para prosseguir** a viagem.⁷

A chegada dos três hóspedes o pega de surpresa: não os conhece, não os esperava, não é horário do dia para se estar a caminho: mas são pessoas em caminho e ele as acolhe, reorganiza seu dia, seus servidores e seus bens em função desta surpresa, que ele ainda não sabe se lhe trará algo de bom. Mas a lei da hospitalidade ensina que a acolhida é bênção. Sempre.

Abraão não aguarda que façam algum pedido: vai ao encontro dos três homens, acolhendo-os com grandes sinais de respeito e com expressões típicas dos rituais do Oriente, considerando aquele encontro providencial para ele e para sua casa. Lavar os pés era o socorro mais urgente para quem chegava de viagem com sandálias pisando areia quente e empoeirada. E cada um dos gestos que seguem vê Abraão plenamente em cena, participando em cada um dos momentos. Se você é meu

⁷ Cf. DANESI, Giacomo & GAROFALO, Salvatore. *Migrazioni e accoglienza nella Sacra Scrittura*. Padova: Edizioni Messaggero, 1987, p. 135-141. Ver também CANDATEN, Analista. *A espiritualidade de um povo a caminho*. Brasília: CSEM, 2007, p. 56-58.

hóspede, foi Deus que o enviou a mim: esta é a consciência que precede a chegada dos três homens anjos.

A atitude da acolhida do hóspede é ícone das relações com quem não é de minha casa: com familiares e amigos existe uma forma de pertencimento recíproco. A acolhida diz respeito a uma relação com algo, alguém ou uma situação não somente não conhecida, mas também não esperada e nem desejada, ou até mesmo indesejada. A radicalidade da hospitalidade de Abraão diz abertura, disponibilidade, compromisso, dedicação a pessoas concretas, que ele ainda não sabe porque chegaram, mas que entram a fazer parte de seu mundo naquele momento. Ele se deixa implicar nesta relação, que se revelará fundamental para conhecer o Deus que ele obedecia sem conhecer e para conhecer sua história, que ainda revelaria muito mais de quanto ele pudesse desejar ou pensar.

Abraão mostra-se pressuroso e prestimoso com os visitantes desconhecidos, que ele chama de “Meu Senhor”... revela-se disponível e generoso... como não pensar, ao ver o trecho, na frase de Cristo: “era forasteiro e me recolhestes” (Mt 25, 35)? (...) A vista trouxe a Abraão uma outra alegria [além da confirmação da promessa]: o encontro, a descoberta de um Deus próximo. Deus não é apenas o Altíssimo, o transcendente, o Totalmente Outro. Ele também pode mostrar-se simples e familiar, acessível aos homens.⁸

4. O texto bíblico

Os personagens da narração:

- v.1 – YHWH apareceu a Abraão em uma situação específica...
- v. 2 – Abraão vê os hóspedes / corre ao encontro / se prostra diante deles
- v. 3 – Abraão DIZ algo. Pede com força que os três viandantes não passem sem entrar
- v. 4 – Abraão dá ordens fazendo participar toda a casa desta acolhida
- v. 5a – Abraão assume atitude de serviço para com estes, em primeira pessoa
- v. 5b – Eles DIZEM palavras de acolhida, dando um retorno positivo a Abraão
- v. 6 – Abraão apressa-se para a tenda e envolve sua Sara e DIZ algo que são ordens a ela para servir
- v. 7 – Abraão corre ao rebanho, implica o servo e o ajuda na preparação da refeição
- v. 8 – Abraão prepara alimento, serve e fica (de pé – em atitude de serviço) junto aos hóspedes.
- v. 9 – Diálogo, iniciado pelos anjos: Eles PERGUNTAM por Sara. Abraão RESPONDE.
- v. 10 – (retorno ao singular): [YHWH] FALA novamente: revela-se não somente o conteúdo do anúncio, mas também o destinatário. “A ti”.
- v. 11 – (silêncio de Abraão). A memória do evento lembra a idade de ambos e a menopausa de Sara.
- v. 12 – Sara ri e FALA (para si mesma): um misto de ironia, desprezo e desespero. E esperança.
- v. 13 e 14 – YHWH DIZ a Abraão sobre Sara e a atitude diante da Promessa: atitude deles e atitude de Deus. O novo, o hoje e a alteridade interrogam o passado e a herança: o que, como e onde levo comigo a promessa recebida.
- v. 15a – Sara, que não estava na cena, mas na tenda, escondida, tomou a palavra.
- v. 15b – YHWH replicou para Sara, revelando sua verdade, sem condená-la.

⁸ E Abraão partiu... Gn 12-15. Sao Paulo: Paulinas, 1980, p. 23-24.

v. 16a – Os hóspedes se levantam e se encaminham. Missão cumprida.

v. 16b – Abraão os acompanha, como ensina a hospitalidade.

5. A mensagem e as mensagens da narração

Abraão já havia deixado sua casa, sua terra e fazia parte do povo nômade do deserto. Mas no momento da visita de Deus através da hospitalidade oferecida, ele é desafiado a se desinstalar de novo e repartir. Nossa vida é um constante repartir, recomeçar o caminho, colocar-se em marcha para ir além do lugar estável onde podemos nos acomodar. A inesperada chegada de Deus acorda o desejo de busca que mora no coração e na memória de cada pessoa e lhe abre novos horizontes. “Para chegar a ser o que podemos ser, como indivíduos e também como sociedade, parece necessário manter [e até fortalecer] a identidade de migrantes”.⁹ Em seu texto sobre Abraão, José Javier Pardo afirma que a identidade migrante da pessoa que crê, celebra e conjuga um duplo movimento, unindo a migração como experiência divina e humana: a busca humana e a chamada divina que convergem, constituindo a existência humana como peregrinação. “Durante sua vida, Abraão descobrirá que ser migrante não se reduz somente a uma separação geográfica, mas que implica sobretudo a lenta aprendizagem de um outro modo de viver suas relações, no reconhecimento e não no domínio”.¹⁰

A primeira constatação do texto é que Abraão acolhe pessoas que, “por acaso”, estão passando em sua vida, em seu caminho. Nada deixa pensar que estes três homens são seres celestes e menos ainda que sejam Deus em pessoa. Seria tudo muito simples se Deus revelasse diretamente e imediatamente sua presença nos fatos de nossa história. Ele pede e pressupõe a confiança que Deus conduz sua vida e sua história, como mais tarde revelará a Maria: para Deus “nada é impossível”.¹¹ A fé de Abraão interpela a fé dos filhos de Deus, questiona e fortifica a fé dos discípulos de Jesus, desde a Escritura. De Abraão já a Escritura o cita como pai na fé e modelo de fidelidade à aliança, à relação de amizade com Deus. Em particular, a carta aos Hebreus vai sublinhar sua figura:

Diante ao fato que os cristãos [da comunidade à qual se endereçava a carta aos Hebreus] estavam perdendo o fervor na fé, o autor reativa uma imagem de Abraão que chegou a ser clássica no Israel pós-exílico: Abraão como modelo de perseverança na fé e na fidelidade à promessa, cuja fonte era Deus mesmo. Os cristãos, além do mais, podem colocar sua confiança em outro fato irrevogável de Deus: Jesus Cristo. Não há, portanto, alguma razão para esfriar-se em seu compromisso de fé (...) Ver Heb 6, 13-18¹².

O texto desenvolve muitos temas, mas a memória deste texto está ligada à hospitalidade de Abraão, à sua intimidade com Deus que, em certo modo, como que premia sua fé com a confirmação da promessa. Desta acolhida incondicional e generosa do outro, da outra pessoa, a narração leva o leitor ao coração do texto, no qual Abraão escuta e Deus opera.

No versículo 9 inicia um diálogo, para o qual toda a cena até então havia preparado os personagens: Os anjos tomam a palavra. Eles PERGUNTAM por Sara. Abraão RESPONDE. A informação leva

⁹ Cf. PARDO, José Javier. “Abrahán, huésped y anfitrión”, in *El inmigrante en la Biblia*, Verbo Divino, Verano 2005, n. 46, p. 6-9.

¹⁰ *Idem*, p. 8.

¹¹ SUAUI, Teodor. *Abrahán, el ombre del camino*. Barcelona: Centre de pastoral litúrgica, 2002, p.12

¹² KUSCHEL, Karl Josef. *Discordia en la casa de Abraham*. Lo que separa y lo que une a judíos, cristianos y musulmanos. Navarra: Verbo Divino, 1996, p. 154.

a atenção à relação entre ambos. Os hóspedes, ‘outros’ na cena familiar, dão um retorno sobre as relações dentro da casa.

A alteridade não é algo somente externo, entra sem pedir licença, mas implica todos os equilíbrios. A fé que permeia todas as relações é o eixo norteador que pode garantir a circulação do *imput* sem quebrar os equilíbrios: se vocês chegaram em minha casa, vocês vêm de Deus e são bênção. Quero acolher esta bênção.

A cena conclui com um diálogo direto, verdadeiro, interlocutório, sem atitudes serviçais, sem estranhos. Sara fala. Ela toma a palavra, toma-a em público, toma-a diante de homens e toma-a para rebater a YHWH. Estabelece-se uma relação que tem a ver com sua vida, e nesta relação Deus é ator principal, então ela pode tomar a palavra. Eles permanecem hóspedes, mas é Deus que fala nos fatos que vão acontecendo com esta nova presença na Casa de Abraão e Sara. Existe uma familiaridade que dispensa os rituais do código da hospitalidade, que aparecem como pano de fundo da última cena: Abraão acompanha os hóspedes, que já eram de novo três e retomavam o caminho. Ele os acompanha, como ensinam as regras da verdadeira hospitalidade.

Na vida, no cotidiano e no sonho de Abraão, Sara intervém um fato inesperado e uma relação que acaba implicando diretamente na vida e nos projetos mais sagrados do casal. Silêncio dele, sorriso pouco claro dela. Se a atitude com os mensageiros é a atitude com a mensagem, Abraão tem um silêncio fecundo. O riso de Sara é uma reação que ela não consegue conter. Deus conhece o coração: tratava-se de uma irrupção pouco verossímil, justa surpresa, sem arrogância. Deus confirma sua palavra, diferentemente do que aconteceria com Zacarias, que perdeu a palavra por não acreditar. Ou por não acreditar, perdeu a palavra, quer dizer, não soube explicar a ação de Deus e nem acolhê-la. Enquanto na primeira parte da narração contempla-se muito movimento motivado e promovido por Abraão, no espaço público da “residência”, na segunda parte, durante seu grande silêncio, a cena vai em direção ao espaço da intimidade – Sara estava dentro da tenda, onde como que uma outra dimensão da existência dos dois pedia a presença de Deus, com expressividade. O sucesso fora da tenda e a realização ou a felicidade também dentro dela: desafios de ontem e de hoje, promessas que se renovam, percursos possíveis na fé.

Uma alteridade faz irrupção e Sara passa de serviçal a esposa para enfim revelar-se rainha. Na mesma cena Abraão é Senhor, para ser serviçal e enfim esposo. As relações entre os dois se recolocam em circulação, pois é Deus que conduz a história e portanto também as relações na Casa. A partir do momento em que YHWH toma a palavra, o narrador não põe mais uma palavra na boca de Abraão. Ele escuta. E mantém a atitude da hospitalidade exemplar.

6. Atualização

O ponto de partida foi o reconhecimento de que a alteridade não é algo distante nem tem a ver com eventos extraordinários que acontecem em nossa vida. A irrupção da alteridade acontece no cotidiano e se introduz como algo novo ou mesmo velho, que ainda não teve atenção, espaço, possibilidade de entrar no mundo da pessoa.

Pode se tratar de percepção, visão, compreensão ou mesmo relação: até não ser reconhecida e iniciar um processo de relação ou, ao menos, interlocução, a alteridade é negada.

O contrário da alteridade é a indiferença e a negação do outro, da outra possibilidade, da outra realidade, do outro lugar, da outra chance... outro com a letra minúscula até o Outro, que é a presença de Deus. Nossa espiritualidade toma forma e cresce na relação própria da realidade que é paradigma da presença e dos desafios da alteridade: o contexto migratório. Aprendemos que o reconhecimento “você existe” e “não precisa ser igual a mim para ter direito de existir e de estar aqui” é o abc da alteridade vivida com fé. A alteridade vivida sem fé é a diferença-ameaça.

A presença e a relação com alguém ‘outro’, como é o caso do migrante, interpela a pessoa como um todo, não somente alguns minutos de seu tempo, em uma determinada circunstância. Para acolher a pessoa, a graça ou simplesmente um evento que representa a irrupção da alteridade em minha vida, preciso “esquecer de mim mesmo(a)... e deixar o outro ocupar o centro de meus interesses, de minhas atenções”.¹³

O texto de Gn 18 inicia dando uma notícia que Pe. Bentoglio mostra ser uma cena de harmonia:

*A primeira notícia [do texto] fotografa Abraão em uma situação de inserção pacífica nos ritmos da natureza local, pois na “hora mais quente do dia” ele suspende o trabalho para saborear a paz do tempo que transcorre, em sintonia com a sua itinerância. Exatamente esta aceitação de si mesmo, dos fatos e do cosmo abre a porta à acolhida... Ao contrário, quem resiste a aceitar a si mesmo não vai conseguir facilmente aceitar quem chega em panos de estranho, [como alteridade que interpela]. O narrador se compraz em descrever o fato que se apresentou para Abraão, através da acolhida, um kairós [uma ocasião favorável especialíssima], que poderia nunca mais apresentar-se a ele.*¹⁴

Num mundo em que a globalização manifesta sempre mais sua tendência homogeneizante e onde o mercado de trabalho premia alguns e exclui muitos sem piedade, organizar a vida, o tempo, a faina diária com boa dose de flexibilidade e abertura para que os *inputs* que chegam das relações que o dia traz consigo sejam acolhidos como oportunidades, é algo que vem mesmo da fé. Se tal atitude de fé não acontece, esgotam-se até as últimas energias no esforço de combater contra a história, ou até mesmo contra as pessoas, para depois abandonar a abertura à alteridade, entendida como esforço demasiado.

Abraão e Sara adotam o melhor que suas culturas lhes haviam ensinado, mas não chega. Deixam-se interpelar pelos “intrusos” em suas vidas e reagem em modos diferentes: um com o silêncio e a continuidade da atitude de serviço e dedicação, a outra com a interlocução corajosa e sincera. O narrador coloca YHWH em cena, como se estivesse vendo o que os atores principais não enxergam: aí está Deus falando para vocês, dialogando com vocês, dizendo algo para suas vidas, realizando algo em sua história. E tudo isto, através da simples presença de três pessoas inesperadas em suas vidas [em sua jornada], da simples irrupção de um imprevisto de agenda. A alteridade não é a criatividade: esta vem de nós, de alguma maneira emerge dentro de nós. A alteridade vem de fora e interpela. Vem de Deus, vem dos outros, vem de quem sinto ‘outro’ respeito a mim, vem das relações do cotidiano nas quais tudo já pareceria óbvio e das quais não se espera receber surpresas; vem e provoca.

Abraão podia deixar aqueles homens passarem adiante. Teria-se ido a realização da Promessa... o que alguns estranhos tem a ver com a gravidez de sua esposa já em menopausa? Nenhuma ligação aparente. Nem sempre a alteridade é tão estranha: acolhida de quem já amo e conheço não é a mesma coisa que se abrir com amor à acolhida da irrupção dos anjos, misteriosos, como o texto nos apresenta sobre a vida de Abraão. E na vida de seus filhos e filhas para sempre. O Novo Testamento vai ensinar que as bagagens da tradição e da cultura a que, cada um e cada uma pertence são tesouros preciosos que o sábio tira de seu cofre e integra com as preciosidades que vai aprendendo e recebendo no dia-a-dia de sua vida e de seus sonhos. Quais são estas preciosidades que cada um e cada uma está valorizando de sua história pessoal, familiar, cultural para fazer de seu hoje uma

¹³ “Abrahán, el amigo de Dios”, in *Vida Nueva*, n. 2.243 de 29/07/2000, p. 26.

¹⁴ BENTOGLIO; Gabriele. *Stranieri e pellegrini. Icone bibliche per una pedagogia dell'incontro*. Milano: Paoline, 2007, p. 20.

riqueza e uma sinfonia, no encontro com as alteridades que irrompem a cada dia no trabalho, nas relações de vida, de trabalho, de lazer?

Na cena o casal põe na inter-relação que vai se desenvolvendo tudo o que são e vivem: seus bens, seus valores, seu tempo, seus segredos, seus sonhos e esperanças, suas fraquezas. Em algumas destas, Deus vai colocar em suas vidas uma palavra que tem efeito como a chuva que cai do céu e para ela não retorna sem produzir o efeito pelo foi qual foi mandada.

A acolhida que a espiritualidade scalabriniana cria e faz crescer no coração, na mente e na mentalidade de quantos acolhem, recebem e fazem crescer este dom, se transforma em fonte de água viva que continua a jorrar vitalidade, vida e esperança, riqueza, relações e gestão liberta das mesmas... no contexto onde a alteridade não é desprezada, nem sentida como ameaça ou como perda. Talvez como no caminho em direção de Emaús, naquela triste segunda-feira (Lc 29).

7. Pistas para a reflexão individual

A história da Salvação não é uma narração que pertence ao passado histórico, de um povo que não conhecemos. A única história salvífica acontece no reinado de Deus, na história de seus filhos e filhas, todas. Este é o tempo para vivenciarmos a continuidade da Encarnação: não fazemos auto-redenção através de nossas forças mentais e espirituais que poderiam nos elevar até Deus ou nos fazer alcançar a paz interior. Os cristãos acolhem a graça de Deus em sua história e conformam sua vida, seu tempo, suas idéias e seus projetos ao Projeto de amor que Deus quer realizar, e nunca pensando somente em si, mas em todas aquelas pessoas e realidades com as quais e nas quais acontece nossa vida. Nesse sentido, à luz da obra de Deus na história do Patriarca Abraão e da Matriarca Sara, nós aprendemos a acolher a obra de Deus em nossa vida, em nossas relações, compromissos, omissões e sonhos.

Algumas indicações para o caminho:

1. A chegada dos três hóspedes encontra Abraão em uma específica situação geográfica, social, física, psicológica... qual é a sua situação hoje? Em que projeto de vida estão ocupados sua mente e seu coração?
2. Diferentes níveis de alteridade chamam em causa Abraão: o outro, diferente (sua esposa Sara, mulher, não circuncisa nos dias que precederam o evento narrado, localizada na tenda em espaço diverso do seu...); o outro, estranho (que chega através dos migrantes ou peregrinos de passagem, estranhos e inesperados, misteriosamente familiares e implicando sem meias medidas em sua intimidade.); o Outro, Deus presente, que nos eventos vai falando a ele e à sua Casa, e que ele escuta, sem preconceitos nem promessas, simplesmente acolhe e continua a servir. Quais as relações que estão interpelando você neste momento? Em que modo chamam você a abrir-se, acolher a relação e deixar-se ensinar pela Palavra escutada?
3. Sara interage, Abraão escuta, os servos da casa desaparecem da cena. Sara renova a esperança e engravida, Abraão acolhe de Deus a promessa tanto esperada e pode se reconciliar com os projetos pessoais que fez quando não acreditou que Deus era fiel, os hóspedes prosseguem o caminho. Quais as atitudes interiores que a fé lhe sugere de alimentar diante das situações 'outras' que emergem em sua vida hoje? Quais as atitudes, as palavras e os gestos que esta fé lhe sugere para seu caminho?
4. Esta igreja ou o lugar em que você se encontra é a sombra de um carvalho, onde YHWH senta para ser recebido e escutar. Agora, você é convidado (a) a falar sobre isso com Ele. E a escutá-lo. Concluindo este momento, você é convidado (a) a escrever uma oração que o Espírito lhe sugerir, sem assinar, que vai oferecer, como partilha, a estas pessoas que o Senhor colocou em seu caminho hoje.